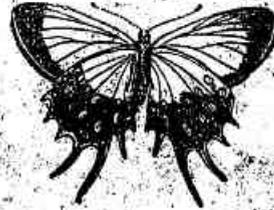


A BORBOLETA.

A BORBOLETA adejando
Por toda a extensidade,
Promette aos seus leitores
Dizer sempre a verdade.



Em nossos lábios escriptos
Guardaremos regras boas,
Que é dos vícios fallar
Sem nomear as pessoas.

A BORBOLETA.

INTRODUCCÃO.

Vêdes aquelle rochedo escarpado cujo seio lança em borbotões as crystalinas límpidas, que, como fatigadas d'uma lucta incansavel, deixam-se elevar pelo menor sibilar d'um manso zephyro ao leito d'um lago, e ali pousando dormem o somno profundo, como no berço onde descança a innocencia? Vêdes como esvoaçando sai do espaço ameno o plumoso e agil cantor, o mimoso sabia, e, sobre o cume magestoso d'uma frondeza e copada mangueira, echôa o sonoro canto, extasiando pelo melodiar de seus trinados os corações entrecucidos pela dor? Vêdes este campo esmaltado de verd'ante relva, onde se deslizam singelas, mas perfumadas flores?

Pois bem: contemplai este lugar sombrio...

d'ahi que nascem esses filhos da natureza, e vegetam essas imagens da belleza; é d'ahi

que tambem surge a mimosa e engraçada — Borboleta!

Se me fosse possível discrever o esmalte deste pequeno, mas mimoso insecto, desejaria então elevar-me ás alturas da mais sublime effluencia, admirado de um Poder Absoluto, que produz tão beneficemente cousas, a cuja vista extasiaríamos na contemplação de seus misteres.

Agora pois, leitores, e amáveis leitoras, que sabeis d'onde surge este insecto, cujo nome escolhemos para titulo de nossa mesquinha folha, pois indifferentes as voluptuosidades e pompas d'um mundo egoista e tyranno nos esquecemos da grandeza para procurarmos por entre a paz e retiro dos bosques, uma simples, filha da natureza, pela satisfação de delectar nos assios confortáveis e frescos das mais nobres flores, qualifying objecto precioso, e um de expargir por entre vos estes perfumes, escolhidos nos mimosos jardins d'uma tão fraca juventude, nos animamos a implorar o vosso acolhimento.

Não é pois a gloria d'um nome que almejamos não; nem de tal audacia seríamos capazes,

FOLHETIM.

FREDERICO

OU

O ORPHÃO DA ALDEA

POR

O enfeitado.

Em uma Aldeia da Cidade de... vivia Paulo e sua mulher Margarida, maiores de quarenta annos; eram dotados de nobres corações, muito amigos de fazer bem, e eram conhecidos pelos benefactores d'Aldeia.

Quando Paulo desposou Margarida, estiveram

algun tempo sem verem o fructo do seu matrimonio, porém tanto rogaram a Deos que finalmente tiveram uma filha, á qual puzeram o nome de Maria.

Ambos ficaram muito satisfeitos, e não cessaram de agradecer ao Céu.

Comtudo Paulo dizia á sua mulher:

— Para Deos completar a nossa felicidade bastava dar-nos tambem um filho; teríamos um casal e seríamos mais felizes.

Um dia que Paulo ia para o campo trabalhar, passou pela capella d'Aldeia, como era costume; porem ao sair desta, viu na porta um embrolho mexendo-se. Paulo tocado pela curiosidade, desenrola o embrolho e vê uma criança, fica no auge da maior admiração, e compadecido, examina-a e vê que está quasi a espirar, por causa do frio e falta de alimento.

189, 12, 7 - n. 31

N. 1

2.454
52



porque somos os primeiros a conhecer, com dôr o disemos, a pequenez de nossa esphera.

Se hoje apparece perante vós a nossa—*Borboleta*—adejando, é unicamente o vigor d'uma mocidade que se formalisa com o desejo de prosperar e engrandecer este livro mysterioso da litteratura, que, quanto mais se lê, tanto mais se aprende!

Eis pois qual o nosso fim, amaveis leitores.

A—*Borboleta*,—que se assemelha aos brincos espirituosos e travessos das bellas e mimosas virgens, irá esvoaçando além do espaço (se lôr possível); perscrutará aqui e ali; entrará neste e n'aquelle jardim; colherá flores, e, subltanciada com o succo destas, irá pousar no collo das nossas amaveis leitoras, e então lhes contará o que de novo souber.

Enfadonha impertinencia: dirão agora os nossos leitores; e nós lhes responderemos:—*Perde a obra o artifice, que não a publica ou para ser admirada, ou para ser corrigida.*—

Depende de vós, pois, amaveis leitores, o coadjuvar-nos na ardua tarefa, que empreendemos; porque, sem o vosso auxilio, não teriamos animo para trilhar em uma senda tão espinhosa, onde somos ollhados por invejos e criticos.

Contando pois com o vosso acolhimento, e tendo convicção de que acceitareis nossas fracas producções, com o meigo sorriso que deixais escapar sempre de vossos labios áquellas pessoas que vos intercedem protecção, empregaremos o quanto estiver á nosso alcance, como unico meio para grangearmos a vossa estima; esperando de vossa sabedoria e benevolencia a merecida desculpa pelos immensos erros, que de certo devercis encontrar.

CHRONISTA.
CEZAR.

Com toda a pressa lança mão da criança, embrulha-a em seu gibão, e corre a levá-la para sua casa, pois se lembra que sua mulher pode soccorrer a infeliz criança; visto estar criando sua filha Maria, que então tinha quinze dias.

Quando o bom Paulo chegou em casa, narrou a sua mulher como achou a pobre criança. Margarida recebe-a em seus braços com muito carinho, e depois de examinal-a, vê que é um menino, e achou-lhe no cinto uma tira de papel escripto o seguinte; — *Chama-se Frederico; tem de idade dous mezes.*

Margarida chama seu marido e lhe diz: — Vêde Paulo, acabo de achar-lhe no cinto este bilhete, no qual vem escripto o seu nome e idade.

—E' verdade, disse Paulo, certamente seus pais morreram, e quem tomou conta desta infeliz crian-

A mulher,

Creando Deus a mulher, e predestinando-a para cogenitora do genero humano, parece haver tido em vistas collocar-a de mediadora entre a aspereza natural e a capacidade sentimental do homem. O bello e engraçado de sua figura; a elegancia de seu porte; sua doçura encantadora; sua aptidão em comprehender, força, invenção e poder de agradar, são os escolhidos dons que á mulher prodigalison a natureza em compensação das qualidades de maior força e robustez que nutre o homem. Sua imaginação mais ardente que a deste, causa ás vezes de grandes damnos, a torna em muitas occasiões mais docil, modesta e sensível; inspira-lhe em maior gráo sentimentos de benevolencia, amor, e ternura; e si a faz em parte mais susceptível ás paixões, a predispõe tambem para mais subido gráo de virtude. A propensão de sua alma, as mais das vezes á produzir o bem, deleita-se em applicar um lenitivo a dôr do infeliz: as enfermarias e as proprias cellulas das penitenciarías são fideis testemunhas de sua bella indole! em todos os paizes, ainda mesmo os mais remotos as mulheres são meigas, indulgentes, compassivas e humanas; sempre dispostas a jovialidade se comprazem de ser uteis; timidas e modestas são menos tenazes em progredir o mal.

Descei ás épocas mais remotas, consultai as sagradas paginas, e admirai as maravilhas das distinctas heroínas, cujas virtudes destromisaram o soberbo atheismo! Esqueceis por ventura que a Virgem-Santissima é a unica advogada contra o peccado entre o creador e a creatura? Recorrei ainda á historia profana e vede, quem restituiu a liberdade aos Romanos com a expulsão do soberbo Tarquinio; quem

ca, talvez por falta de meios para criá-la, se deslizesse della; porém não importa, porque esse infeliz menino achou em nós o thesouro perdido.

—Sim, Paulo, trataremos esta criança como se fosse nosso filho, e de mais, devemos lembrarnos que incessantemente rogavamos a Deos, para que nos desse tambem um filho, e assim como esta criança achou em nós o thesouro perdido, nós achamos nelle a felicidade desejada.

— Sim, Margarida, dizes bem; criaremos Frederico como se fosse irmão de nossa querida Maria.

E' essa-bôa gente não sessavam de acariciar o seu filho adoptivo.

Porém ah! bem longe estavam elles de pensar, que, por causa desse filho, muitas lagrimas haviam de verter!

(Continúa.)

enthusiasmou os Gregos no amor da patria que pretendiam immortalisar-se. Todos sabem quão sublime e indispensavel é a influencia da mulher na sociedade: negar-lhe o merecimento é roubar o direito natural com que foi ella creada.

Bello sexo eu vos tributo minhas devidas homenagens.

GRAVATA.

Conversa com o leitor.

Ora, sabendo eu que as conversas estão hoje com o titulo de—*massadas*,—não sei como tenho a temeridade de estabelecer uma—*conversa com o leitor*.—As moças dirão sem duvida—*Vá conversar com os defuntos*—os rapazes—*Isto já é massada*—e os velhos, sorvendo sua pitada querida, fumando o seu charuto, cigarro, ou cachimbo, dirão que não lhes sobra tempo para aturar-me.

Mas se por acaso eu, conversando com o leitor der noticia deste ou d'aquelle baile, der noticia de um bom, ou mau passeio de um ou outro theatro; se disser que vi em uma reunião uma senhora, que já tem engolido sessenta invernos, consultando cupido, que vi no ardor de uma valsa um mancebo roubar um beijo á sua bella; ou uma joven que quer passar por fiel, dando corda a cinco ou seis ao mesmo tempo; se eu vos der a conhecer esses velhos santarrões, que envoltos com o manto da santidade, querem enconbrir as suas façanhas antigas, como para fazer esquecer as vezes que pularam o muro do quintal, só para dizer aos pés da sua bella—*Eu morro por você!*—

As moças hão de dar-me attenção (ao menos por curiosidade.)

Os mancebos por divertimento.

Os velhos para recordarem o seu antigo tempo.

Os velhos contentem-se de me ouvir fallar dos moços; estes de me ouvir fallar dos velhos: tudo isso nas minhas conversas eu tratarei de expor, sem offender o melindre de pessoa alguma, nem metter-me com a vida alheia; pois julgo bastante ridiculo tal maneira de escrever.

Todo aquelle que abusa da imprensa para fazer notorio os particulares de outrem, não é mais do que uma lingua damnada que merece ser cortada pela folce de austera justiça.

O leitor desculpar-me-ha o tornar-me um tanto serio (fora do meu costume) pois assim é necessario para dar a conhecer, quaes são as minhas intenções.

Agradecerei pois a todos os leitores, que, com indulgencia se dignarem ler as minhas conversas, e juntamente ao benigno redactor por collocar nas azas de ouro da *Borboleta* a minha insipida—CONVERSA COM O LEITOR.—

Vs.

Acrostico.

> Instrucção só em vista;
Bons exemplos propagar;
Opelto indino odiar,
Rejeitando o que malquista:
Remdizer o *dino* Artista,
Onde mostrar que o merece,
Touvar acção que carece
Entre os homens distincção:
Tem por nobre obrigação,
> Folha que hoje apparece.

A Borboleta.

Adeja, ó borboleta,
Donde habita minhi'amante,
Diz-lhe que por ella soffro
Uma saudade insessante.

Pousa junto dessa bella,
Mais linda q'um serafim;
E em seus mimosos labios
Dai-lhe mil beijos por mim!

Depois, ó linda borboleta,
Tu conta-lhe o meu penar,
E diz-lhe que já não posso
As saudades supportar.

Dirás tambem que em meu peito,
Nunca a perfidia morou;
Que eu jurei-lhe ser constante,
E que constante inda lhe sou.

Que por vivermos ausentes,
Jamais *della* me esquecerei;
Pois extinguir-se não pôde
O firme amor que lhe jurei!

MATTOS.

O amor é um tormento.

Quando amamos, nós queremos,
Ter nesta vida um prazer;
Engano; pois só buscamos,
Um horrível padecer!

Só pôde encontrar venturas,
Aquelle que n'uma amante,
Encontra um divertimento,
P'ra se entreter um instante.

Mas aquella que só presa
A sua amante querida,
Não pôde dizer no mundo:
—E' bem feliz minha vida!—

Ainda qu'em seus abraços,
Seu amor queiram mostrar,
Parece-nos tudo um sonho,
Que nos foge ao acordar!

Ainda que a nossa amante
Nos guarde fidelidade,
Mesmo assim não soçegamos,
Não temos tranquillidade.

Todos estes pensamentos,
São p'ra nós mil amarguras;
Quem no peito sente amor,
Não pôde gozar venturas!

Além disso é bem custoso,
Encontrarmos uma amante,
Que ao nosso amor corresponda,
Sempre fiel, e constante!

Fiquem certos, que se o mundo,
De mil enganos é feito,
De todos esses enganos,
A mulher é o mais perfeito!

Aquelle que neste mundo,
De que é amado, ufanar-se,
E' aquella que mais deve
Redondamente enganar-se.

Não quero dizer com isto,
Que todas assim o façam,
Pois ha amores na vida;
Que ternamente se enlaçam.

No amor tambem se encontra,
Momentos de ter ventura,
Mas tambem pôde encontrar-se,
Caminho para a sepultura.

Rio, 10 de Março de 1857.

F. C. VASQUES.

Anecdota.

Um sujeito escreveu uma carta para mandar a um amigo, participando-lhe que no dia seguinte hia jantar com elle; porém no momento que acabou de escrevel-a, dá-lhe uma apoplexia e morre. Um dos parentes do defunto, encontrando a carta, acrescentou-lhe o seguinte P. S. —Não me esperes mais, porque acabo de morrer neste momento! E fechando a carta remetteu-a.

Logogrypho.

A primeira co'a terceira,
Todo o homem que assim fôr,
De certo não é capaz
De negar algum favor.

A segunda por si só,
Nada te pode dizer;
Mas unindo-a a terceira
Nos monturos me has de ver.

A quinta sendo isolada,
E' vegetal bem preciso;
A oitava com a sexta,
Mulher assim causa riso.

Entre a setima e a quarta,
Se um—n—se lhe augmentar,
Se me fizeres algum,
Obrigado hei de ficar.

Da miha quinta se for
A letra final tirada,
Quer no mar ou em terra
E' bastante procurada.

A quinta co'a oitava,
Se uma vogal se tirar,
Uma certa ave caseira
De certo que has de achar;

A terceira repetida,
Bôa fructa nós vemos;
Oitava tambem repetida,
Certo animal chamaremos.

CONCEITO.

Nome d'um homem
Bem conhecido;
De seus amigos
Muito querido.

Tem bellas maneiras,
E' muito tratavel;
Por isso se torna
Assaz estimavel.

MATTOS.

R. de Jan., typ. Fluminense, rua dos Ciganos 2.3